

Universidade aberta à Terceira Idade:

iniciativas de uso das TDIC no ensino/ aprendizagem de língua inglesa

Victor César de Oliveira;

Daniela Nogueira de Moraes Garcia

Como citar: OLIVEIRA, V. C; GARCIA, D. N. M. Universidade aberta à Terceira Idade: iniciativas de uso das TDIC no ensino/ aprendizagem de língua inglesa. *In:* GARCIA, D. N. M.; ALEXANDRE FILHO, P.; SANT'ANNA, D. V. **Tecnologias e metodologias ativas:** (res)significando percursos educacionais. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 135-158. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-210-9.p135-158>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Universidade Aberta à Terceira Idade: iniciativas de uso das TDIC no ensino/aprendizagem de língua inglesa

Victor César DE OLIVEIRA⁵

Daniela Nogueira de Moraes GARCIA⁶

Introdução

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) aceleram transformações e evoluções no cenário pedagógico, inclusive para o aprendizado de línguas estrangeiras. Essas novas tecnologias vêm sendo cada vez mais úteis na educação, acentuadas em tempo pandêmico, e passaram a complementar os livros didáticos com o desenvolvimento de aparelhos para reprodução de sons humanos no século XVII, com o surgimento de mecanismos de projeção no século XX e com a popularização da interação mediada pelo computador no século atual (PAIVA, 2015).

A evolução da tecnologia nos possibilita refletir e discutir sobre os diversos conceitos de ensino-aprendizagem no ensino de línguas estrangeiras, desde os métodos tradicionais até ações que colocam os alunos como atores autônomos em seus próprios processos de aprendizagem e que legitimam o uso das novas tecnologias na educação. Segundo Moran (2015):

⁵ Mestrando em Educação / PPGE / Faculdade de Ciências e Tecnologia / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP – campus de Presidente Prudente/SP / e-mail: victor.oliveira@unesp.br.

⁶ Professora Assistente no Departamento de Letras Modernas / Faculdade de Ciências e Letras / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP – campus de Assis/SP e professora orientadora no PPGE / UNESP – campus de Marília/SP / e-mail: daniela.nm.garcia@unesp.br.

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a *Internet* e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes (MORAN, 2015, p. 16).

No entanto, nossa reflexão está direcionada nos questionamentos sobre os usos iniciais e a inclusão dessas novas tecnologias para um público que teria mais dificuldades em se relacionar com as tecnologias devido à idade, ligado, diretamente, ao envelhecimento..

O envelhecimento relaciona-se, não apenas, ao acúmulo de anos de vividos (VERAS, 2004) mas considera todas as demais questões que perpassam a evolução, como por exemplo, as características singulares biopsíquicas e sociais carregadas por esse público.

O processo de envelhecer possui vários desafios, assim como afirma Oliveira (2010, p. 16): “Esse fato tem preocupado os que lidam diretamente com as políticas públicas relacionadas à garantia de melhoria da qualidade de vida desse contingente, em todos os segmentos da vida humana”. Tornando-se, assim, necessárias as ações que contemplem os idosos em diversos contextos de inclusão.

Se por um lado houve grandes avanços tecnológicos da ciência em relação à quantidade de dias vividos pelo idoso, e até mesmo da qualidade de vida, por outro, há ainda muito o que ser feito em termos de garantia de condições favoráveis e de adaptação para no contexto social, considerando suas dificuldades físicas, psíquicas, culturais e sociais, decorrentes das várias formas de envelhecimentos. Ao chegarem na Terceira Idade, os idosos têm se ocupado de atividades que os priorizam, participando de projetos que lhes permitem serem tratados com excelência para além de concepções errôneas a respeito deles. Como é o caso da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

Iniciativas como essas, sem dúvida, propiciarão a desmistificação do estigma de improdutividade na aprendizagem destinado à figura do idoso, rótulo esse que tem favorecido a propagação de inúmeros

preconceitos e concepções equivocadas dentro da sociedade em torno do aprender na Terceira Idade (PIZZOLATTO, 2008).

Pautados em questões como socialização tecnológica e integração, vislumbramos a articulação de contextos de ensino/aprendizagem de língua inglesa para os idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade e o uso das tecnologias digitais em período anterior à pandemia do COVID-19. Para isso, faremos uma breve apresentação da trajetória do estudo conduzido, bem como a discussão das TDIC e ensino de língua estrangeira (LE) para apresentar, por meio de uma metodologia qualitativa de pesquisa, os dados colhidos nas aulas de Inglês da UNATI.

1 UTI, UNATI e Terceira Idade

Autores como Caldas e Veras (2004) focalizam seus estudos sobre a importância da movimentação entre a Terceira Idade e a universidade e fizeram um levantamento sobre o tema, compondo um panorama de três gerações da, então, chamada “Universidade da Terceira Idade” (UTI).

A primeira geração de UTI surgiu no final da década de 60, na França, proporcionando um contexto de atividades culturais e de socialização sem preocupações com uma educação contínua. Já a segunda geração de UTI, no ano de 1973 na França, preocupava-se com o ensino e a pesquisa, promovendo atividades fundamentadas nos conceitos de participação ativa e estudos sobre o envelhecimento. Na década de 1980, ainda no referido país, criou-se um programa educacional mais amplo voltado para os idosos, exigindo cursos universitários formais. E, somente na década de 1990, é que as universidades brasileiras começam efetivar programas voltados para a Terceira Idade, partindo das experiências europeias.

De acordo com Peixoto (1997), as UTIs emergem no Brasil em um momento em que, na Europa, já estavam na terceira geração e elaboram uma programação baseada na participação, autonomia e integração desses alunos com a pesquisa universitária.

A inclusão da Terceira Idade no ambiente acadêmico é uma das funções sociais da Universidade Pública. Objetivando a articulação desses dois contextos, a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), vinculada à Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX), promove a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) na qual são oferecidas oficinas didáticas, artísticas, culturais, físicas e de saúde, gratuitamente, à população com idade superior à 50 anos em vários campus da UNESP.

O programa intitulado “UNATI” pode ser encontrado em várias universidades brasileiras, podendo ser encontrado sob outras nomenclaturas pelo país, mas mantendo-se os mesmos objetivos, como por exemplo a “UATI” (Universidade Aberta da Terceira Idade) (PEIXOTO, 1997; CASTRO *et al.*, 2007; RAMOS *et al.*, 2019), “UniSer” (Universidade do Envelhecer) da Universidade de Brasília (GARCIA, 2017) e a USP 60+ (ROSA *et al.*, 2020). Tais ações possibilitam a educação continuada, proporcionando a convivência social, a troca de experiências e a ampliação e atualização do conhecimento no qual as tecnologias estão inseridas.

De acordo com o Estatuto do Idoso, mais especificamente no Artigo 21 (Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003), o poder público tem o dever de promover oportunidades de acessibilidade ao idoso à educação, adequando os currículos, metodologias e materiais didáticos aos programas educacionais a ele destinados. O inciso I, do supracitado Artigo determina que: “Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna”, ou seja, a garantia de inclusão ao público da Terceira Idade está prevista em lei.

Sob essa perspectiva, necessita-se de investigações que focalizem o público idoso nesse contexto de inclusão social. Segundo Lopes (2014, p. 510), “a Linguística Aplicada (LA) ainda não desenvolveu um acervo que ilumine os diferentes aspectos do processo de ensino e aprendizagem de segunda língua para adultos da Terceira Idade”. Outros autores (INOUYE *et al.*, 2018; OLIVEIRA, 2010; FARIA; MONTEIRO, 2007) identificam

a necessidade de mais investigações que se ocupem dessa temática, assim como a importância de iniciativas e programas educacionais que incluam os idosos.

Como justificativa de inserção do público da Terceira Idade na universidade e nas aulas de língua inglesa ofertadas, as tecnologias se mostram pertinentes a todo esse contexto ao permear o dia a dia na sociedade atual. Assim, sob uma perspectiva de educação inclusiva, o presente estudo abordará a língua inglesa e a utilização das TDIC junto a esses alunos que apresentam propriedades singulares que os caracterizam em relação a outros grupos e nos permitem uma nova visão em relação ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

2 TDIC e Ensino de Língua Inglesa

O uso das ferramentas tecnológicas no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras começa com recursos tipográficos sendo, mais tarde, aprimorado com o desenvolvimento de outros diversos equipamentos eletrônicos. Fontana e Cordenonsi (2015) e Gewehr (2016) debruçaram-se sobre o conceito de TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação). Os autores apontam as divergências entre os conceitos de TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) e TDIC, esclarecendo que esta inclui as tecnologias digitais. Para Kenski (2012), o conceito enquadra as tecnologias digitais, ressaltando o processamento de informação, principalmente, pela comunicação instantânea e busca por informações automáticas.

Com a rápida evolução das TDIC, podemos notar seus impactos na sociedade contemporânea. Assim, conseguimos promover discussões pedagógicas acerca dos diversos contextos de ensino/aprendizagem no ensino de línguas estrangeiras nos quais as elas estão inclusas.

Dentro dessa perspectiva, pensamos em “novas educações” (PRETTO; PINTO, 2006), métodos tradicionais e ações que colocam os

alunos como atores autônomos em seus próprios processos de aprendizagem e que legitimam o uso das novas tecnologias na educação.

No entanto, entendemos que a população idosa possui características específicas na relação com a tecnologia, como “dificuldades de acesso às novas técnicas e teorizações” (SILVEIRA *et al.*, 2010, p. 5). Entretanto, isso não significa que eles estão excluídos dos campos tecnológicos, mas precisam de ações afirmativas que promovam espaços acolhedores para desenvolver habilidades digitais.

Ao pensar sobre o ensino/aprendizagem de LE, em um contexto em que as tecnologias estão incluídas, a UNATI da UNESP/Assis junto ao curso de Licenciatura da Graduação Letras oferecem oficinas de línguas estrangeiras, sendo elas: Inglês, Espanhol, Francês, Italiano, Alemão e Japonês em vários níveis de proficiência, do básico ao avançado.

Machado *et al.* (2009) discorrem acerca da aprendizagem de línguas estrangeiras na Terceira Idade:

Aprender um segundo idioma é importante para qualquer ser humano; sendo que, para o idoso, é mais importante ainda, como revela uma pesquisa, realizada por uma equipe de psicólogos, da Universidade York, Canadá, divulgada na Revista Veja (2004-p.96), que investigou a importância da leitura e do estudo para o aperfeiçoamento pessoal. A pesquisa demonstrou que os jovens e os bilíngues alcançaram melhores resultados, pois “...quem aprende um segundo idioma retarda, em muitos anos, os efeitos do envelhecimento no cérebro (MACHADO *et al.*, 2009, p. 37).

Sendo assim, percebemos que a aprendizagem de línguas estrangeiras se faz necessária em um mundo globalizado e, considerando a Terceira Idade, os impactos são bem maiores visto que, como citado, atinge não só o aperfeiçoamento pessoal, mas também as atividades biopsíquicas (MACHADO *et al.*, 2009, p. 37).

Ainda na perspectiva das línguas estrangeiras, compreendemos que o uso de tecnologias no ensino/aprendizagem se faz imprescindível em um

mundo internacionalizado e digital. Por conta disso, apresentamos, nesse artigo, algumas propostas de usos iniciais de TDIC nas aulas de língua inglesa na Terceira Idade, observando ‘se’ e como ocorrem os usos iniciais das tecnologias dentro e fora da sala de aula. Em paralelo, esbarramos em outras temáticas importantes para o entendimento do estudo, como, por exemplo: a realização de um mapeamento dessas tecnologias, o conhecimento e compreensão da ferramenta mais utilizada pelos alunos, bem como a frequência e conteúdos mais acessados e a percepção do idoso ao olhar para as inovações tecnológicas.

3 Contextualizando o estudo

Apresentamos, aqui, um estudo de caso de cunho qualitativo. Para Yin (2005, p. 32), “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”, sendo, também, elucidado por André (2013) como:

[...] os estudos de caso podem ser instrumentos valiosos, pois o contato direto e prolongado do pesquisador com os eventos e situações investigadas possibilita descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam. Assim, permitem compreender não só como surgem e se desenvolvem esses fenômenos, mas também como evoluem num dado período de tempo (ANDRÉ, 2013, p. 97).

Consideramos a metodologia de estudo de caso importante pois analisamos apenas uma turma de inglês para idosos em que um dos autores manteve, enquanto professor e pesquisador, contato direto com os alunos durante todo o ano (características fundamentais, também, em pesquisas qualitativas).

A pesquisa foi realizada ao longo do ano de 2019 nas aulas do curso de Língua Inglesa, estágio avançado, oferecidas aos alunos do programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCLAs/UNESP).

Como afirmado, trata-se de uma oportunidade de inclusão que possibilita o acesso à universidade a partir de serviços criados, especificamente, para atender às necessidades desta faixa etária, além de propiciar um espaço de convivência e troca de experiências para estes alunos.

Os participantes desta pesquisa foram oito alunos brasileiros idosos (de 58 anos a 77 anos) inseridos na UNATI, como descrito anteriormente, regularmente matriculados no curso de língua estrangeira avançada (inglês) em que nos dispusemos, voluntariamente, a ministrar o curso nesse contexto por volta de 3 anos.

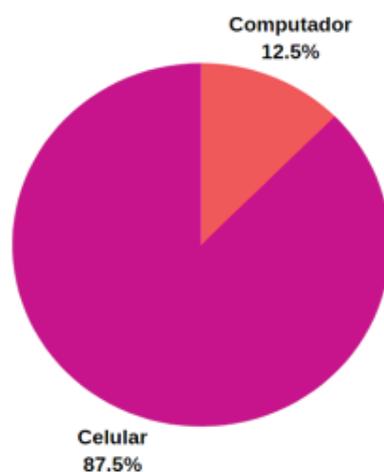
Os dados foram coletados por meio de a) diários reflexivos, b) questionários que foram aplicados aos alunos e, posteriormente, armazenados em portfólios e c) notas de campo. Assim, pudemos encontrar elementos que contribuíram para esta investigação de modo a observar o processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa e a inserção das tecnologias digitais no cenário educacional descrito.

4 Resultados e discussões

Ao analisarmos os dados, encontramos resultados interessantes que ultrapassaram nossas expectativas e hipóteses de discussão. No decorrer da investigação, deparamo-nos com um público familiarizado com as tecnologias e, a partir daí, focalizamos em seu uso.

Em um questionário previamente estruturado, consultamos os alunos sobre os usos das tecnologias em um modo mais amplo. Após a coleta das respostas, elaboramos gráficos digitais para melhor visualização. O gráfico 1 esclarece a ferramenta mais utilizada por eles no dia a dia. Vejamos:

Gráfico 1 – Ferramenta mais utilizada



Fonte: Dos autores (2021)

O gráfico 1 revela que 87,5% dos alunos usam mais o celular e, apenas, 12,5% preferem o computador. Entendemos, assim, que os alunos da Terceira Idade estão buscando, cada vez mais, a facilidade de acesso com seus aparelhos portáteis que contemplem a usabilidade e acessibilidade (BESSA, FERREIRA, 2012), já que o celular permite acesso às redes e conteúdos em qualquer lugar que estejam. Trata-se de informação “na palma da mão”, literalmente.

A sociedade contemporânea deixou de usar as ferramentas digitais para fins específicos e passou a usá-las para todas as demandas. Hoje, temos grande partes das atividades sendo realizadas pela “*Internet das coisas*” (IoT) (SANTAELLA *et al.*, 2013), ou seja, podemos usar os meios virtuais de informações automáticas para procurar uma palavra desconhecida ou, até fechar portas e janelas, graças à computação ubíqua.

A *International Telecommunication Union*, ITU (2005, p. 8), sobre a computação ubíqua e a IoT, afirma que: “uma nova dimensão foi adicionada ao mundo das tecnologias da informação e da comunicação: a qualquer hora, em qualquer lugar, a conexão para todas as pessoas será também a conexão para todas as coisas”.

Sendo assim, acreditamos que os idosos não se distanciam dessa realidade já que optam pelo uso do celular (um aparelho portátil) ao invés do computador ou *notebook*, que, embora seja portátil, ainda não cumpre os requisitos de usabilidade pelo difícil transporte.

Também, faz-se necessário compreender a frequência de uso dessas ferramentas. Sendo assim, vejamos o gráfico 2 que indica, de forma ampla, o conteúdo proposto:



Fonte: Dos autores (2021).

Assim como no gráfico 1, aqui, também, notamos que os idosos estão conectados às tecnologias, buscando a facilidade e o uso contínuo das ferramentas. Sete alunos disseram que “sempre” usam as tecnologias, seguido por 1 que afirmou “às vezes”. Sendo assim, percebe-se que 100% dos alunos observados têm contato direto com as tecnologias, incluindo-se à cultura digital.

Dessa forma, confirmamos a hipótese de que os alunos idosos, nesse estudo, estão inclusos nos territórios digitais tendo a grande maioria na seção “sempre”.

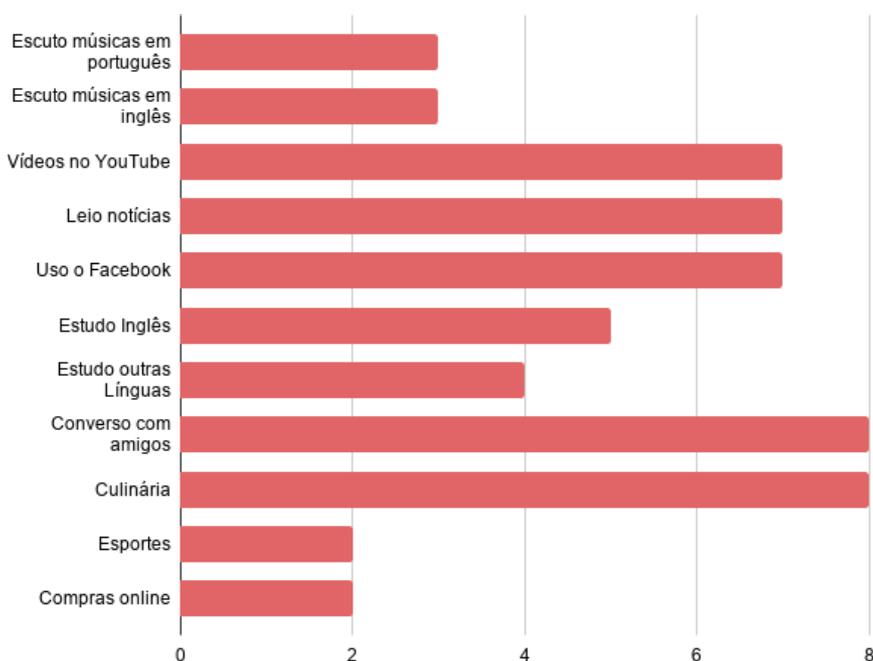
Cobalchini *et al.* (2019) elucidam que:

[...] nos dias de hoje, existe uma dependência cada vez maior da tecnologia à medida em que ela se insere no cotidiano, e isso também se aplica aos idosos, ou seja, o motivo desta demanda na Maturidade Positivo está diretamente relacionado ao modelo atual de sociedade, onde a tecnologia vincula-se às atividades básicas do dia-a-dia, como, por exemplo, checar o saldo de uma conta bancária por meio de computadores e/ ou celulares (COBALCHINI *et al.*, 2019, p. 4).

Com isso, podemos inclusive relacionar a “*Internet das coisas*” e a computação ubíqua, como já comentado, ao fato de os idosos estarem conectados com alta frequência. Entretanto, temos que analisar os conteúdos acessados por eles para compreender os efeitos das tecnologias no ensino e aprendizagem de LÊs.

Depois de analisar as ferramentas mais utilizadas e frequências de uso, questionamos e mapeamos os conteúdos mais acessados por eles fora da sala de aula (podendo escolher mais de uma opção). Os resultados constam no gráfico 3.

Gráfico 3 - Conteúdos mais acessados



Fonte: Dos autores (2021).

Notamos que os conteúdos mais acessados foram: 1) Conversas com amigos e Receitas culinárias (8 votos); 2) Acesso à plataforma do *YouTube*, *Facebook* e leitura de notícias (7 votos); 3) Aprendizagem de inglês (5 votos); 4) Aprendizagem de outras línguas estrangeiras (4 votos); 5) Pesquisa de músicas em inglês e em português (3 votos) e 6) Notícias de esportes e compras *on-line* (2 votos). Sendo assim, notamos que os alunos da Terceira Idade usam as tecnologias para uso de plataformas e busca dos mais diferentes assuntos, inclusive para a aprendizagem de língua estrangeira. Se considerarmos que 100% indicaram “Converso com amigos” e “Culinária”, seguido por “Vídeos no *YouTube*”, “Leio notícias” e Uso o *Facebook*”, podemos observar que o uso tecnológico está mais priorizado no que se relaciona-se ao “aproximar”, seja pessoas distantes ou notícias em geral.

Somente em sexto lugar, temos o “Estudo inglês” seguido por “Estudo outras línguas” e “Escuto músicas em português” e “Escuto músicas em inglês”. Dessa forma, percebemos que, fora da sala de aula, os alunos idosos não priorizam a investigação no que tange à língua inglesa,

entretanto, também, não a negligenciam. Ainda que não tenha sido a opção prioritária pelo grupo, os alunos não os deixaram por último, como foi o caso de “Esportes” e “Compras *on-line*”.

Assim, compreendemos que a *Internet* e seu uso se dão em vários aspectos (também) no dia a dia do idoso, não limitando a um ou outro aspecto, mas perpassa vários níveis, no qual a aprendizagem de língua inglesa está inclusa.

Além dos dados registrados nos gráficos, elaboramos um outro questionário aos alunos em que eles deveriam escrever discursivamente a respeito das temáticas apresentadas. Buscou-se verificar o contexto no qual eles estão inseridos e a visão que possuem sobre as novas tecnologias digitais de informação e comunicação. Para a preservação da identidade, nomes fictícios foram utilizados. Vejamos alguns exemplos:

Tabela 1 - Pergunta Geral 1

“Você acredita que a <i>Internet</i> tem melhorado ou piorado a vida das pessoas? Por quê?”
“Melhorado. É uma maneira de interagir com o mundo” (Maria, 70 anos)
“Se for usado com parcimônia, acredito que melhorou a vida. Não se deixe ficar escravo da tecnologia, pois as pessoas já não se falam pessoalmente” (Rosário, 69 anos)
“A <i>Internet</i> tem melhorado muito em relação à pesquisa, notícias, política e etc e tem o lado ruim, pois afasta muito as pessoas, afetivamente” (Elizabeth, 67 anos)
“A <i>Internet</i> ajuda quando é usada moderadamente, para fins culturais, o exagero causa problemas tanto físicos como morais” (Gisela, 74 anos)

Fonte: Dos autores (2021).

Percebemos que as referidas alunas concordam com o fato de que a *Internet* tem melhorado a vida das pessoas. Entretanto, Rosário, Elizabeth e Gisela mencionam a prudência ao usar as tecnologias. Assim, interpretamos que, por mais que o gráfico 2 (frequência de uso) nos mostre que os idosos sempre usam as tecnologias, eles os fazem de forma consciente (a partir de seus próprios pontos de vista) e crítica, cientes das limitações do uso.

A pergunta geral número 2 refere-se ao uso da tecnologia para a execução de atividades rotineiras.

Tabela 2 - Pergunta Geral 2

“Como as tecnologias te ajudam no dia a dia?”
“Não precisamos mais ficar esperando horas ou dias para saber as notícias mundiais, nos comunicamos com rapidez com amigos e familiares” (Neide, 58 anos)
“Relacionar com as pessoas que estão longe, facilitar a vida das pessoas no trabalho diário com vários equipamentos que reduzem o esforço físico, locomover-se facilmente” (Eliana, 76 anos)
“Elas ajudam no processo de comunicação oral e escrita, sempre com parcimônia” (Gisela, 74 anos)
“Pesquisas, aplicativos de banco, receitas, vocabulário e etc” (Elizabeth, 67 anos)
“Agilidade em exames laboratoriais, consultas médicas e etc” (Rosário, 69 anos)

Fonte: Dos autores (2021).

A partir das respostas aqui dispostas, é possível perceber que as alunas se empenham em usar as tecnologias nas mais variadas formas, seja para trabalho, entretenimento ou para usos regulares da vida cotidiana. Reafirmam os lados positivos das tecnologias, principalmente, as facilidades que elas trazem, como rapidez na comunicação, inclusão à globalização e, até mesmo, para solucionar questões relacionadas à saúde, assim como dito por Rosário. Assim, mais uma vez, ressaltamos os efeitos da IoT e a computação ubíqua.

Seguindo para a pergunta de número 3, questionamos sobre o possível impacto das tecnologias, de forma bastante ampla, a fim de não direcionar para um segmento específico.

Tabela 3 - Pergunta Geral 3

“Qual impacto das novas tecnologias, em geral, na sua vida?”
“Sensação de que estou conectada com tudo e com todos” (Eliana, 76 anos)
“No processo da comunicação internacional divulgando novos conhecimentos, mostrando como a globalização é uma realidade. Não se vive sozinho no mundo” (Gisela, 74 anos)
“O impacto na minha vida é positivo para aproximar quem está longe de mim e negativo pois afasta quem está no meu lado” (Neide, 58 anos)
“Não troco uma ‘boa conversa’ por um aplicativo, ou seja, TV, <i>WhatsApp</i> , <i>Waze</i> e etc” (Elizabeth, 67 anos)
“O importante é não se deixar dominar por ela. Saber o limite para não interferir nos relacionamentos reais” (Neuza, 70 anos)

Fonte: Dos autores (2021).

Nas respostas da tabela 3, notamos que existem algumas convergências de opiniões. Eliana e Gisela falam, com totalidade, a respeito dos benefícios das novas tecnologias, principalmente, sobre o sentir-se pertencente ao mundo tecnológico, como um fator de inclusão digital compartilhado com o mundo. Entendemos a importância de tal sentimento das alunas tendo em vista a sociedade que as exclui de inúmeros contextos, objeto de uma discussão de extrema importância, mas não objetivada neste artigo.

Por outro lado, Neide, Elizabeth e Neuza falam sobre a carência afetiva que as tecnologias proporcionam ao afirmarem sobre a não substituição da aproximação física entre as pessoas, levando-nos a refletir sobre como a *Internet* pode aproximar e afastar as pessoas, ao mesmo tempo.

Após o mapeamento dos usos das tecnologias em geral, disponibilizamos um questionário anônimo com perguntas específicas do uso das TDIC no ensino/aprendizagem de inglês dentro e fora da sala de aula. Seguem algumas respostas compiladas na tabela 4:

Tabela 4 - Pergunta Específica 1

“Ao realizar as tarefas, você utilizou algum recurso tecnológico para lhe auxiliar? Qual?”
“Sim, uso o <i>Google</i> tradutor do celular”
“Sim, o aplicativo <i>Linguee</i> ”
“Dicionários no tablet”
“Sim, vídeos”
“Não. Fiz lendo algumas atividades passadas e usando a minha memória do conhecimento adquirido ao longo do tempo”

Fonte: Dos autores (2021).

A primeira pergunta tratou do uso das TDIC fora da sala de aula para a realização das tarefas propostas nas aulas. Assim, observamos que a maioria dos alunos usaram, de alguma maneira, as tecnologias ao seu favor e somente uma resposta contempla seu não uso. Mais uma vez, os dados apontam para o suporte tecnológico no aprendizado da língua estrangeira.

Sabendo que a maioria das respostas foram afirmativas ao uso de tecnologia para as aulas, questionamos se elas ajudam ou atrapalham no ensino/aprendizagem de inglês. Vejamos algumas respostas na Tabela 5:

Tabela 5 - Pergunta Específica 2

“Você acredita que as tecnologias ajudam no ensino/aprendizagem de inglês? De que forma?”
“Sim ajudam muito, acho que ajuda a memorizar o conteúdo, principalmente as músicas”
“Muito. Auxiliam no sentido de aliar a imagem ao som facilitando o aprendizado”
“No caso de idioma é necessário mergulhar de cabeça no <i>listening</i> e aí precisamos de equipamentos”
“Com certeza, torna-se mais interessante”

Fonte: Dos autores (2021).

Como é possível observar na tabela 5, o público idoso reconhece a necessidade da utilização das tecnologias dentro da sala de aula. Como dito, as aulas de línguas estrangeiras tornam-se mais dinâmicas e algumas habilidades, como o *listening* (audição), por exemplo, são catalisadas. As TDIC podem promover aulas mais atraentes para os alunos, sendo utilizadas como auxílio educacional com o uso de áudio, imagem, exercícios *on-line* etc.

O professor, no decorrer do curso, utilizou alguns recursos de *hardwares* e *softwares* nas aulas e, por conta disso, perguntamos sobre o uso desses equipamentos a fim de conhecer a opinião deles a respeito disso.

Tabela 6 - Pergunta Específica 3

“Você acredita que foi importante o uso de recursos tecnológicos (som, mídias, <i>YouTube</i> , <i>Google</i> , projetor de tela etc) para o desenvolvimento das aulas?”
“Muito. A tecnologia enriquece e facilita”
“Importantíssimo. O professor soube diversificar adequadamente facilitando a aprendizagem”
“Os recursos tecnológicos são muito importantes hoje em dia, já se tornaram extremamente necessários”
“Sim. Tornam as aulas dinâmicas e interessantes”

Fonte: Dos autores (2021).

Assim como no exemplo anterior, o conteúdo da tabela 6 remete ao uso benéfico das novas tecnologias, como forma de facilitar a aprendizagem. No entanto, destacam a importância do professor enquanto mediador desse processo.

Araújo (2018) discorre acerca do uso consciente das TDIC:

Entendo, assim, ser necessário o uso consciente e regular das TDIC pelos professores em suas disciplinas e contextos específicos, com currículos flexíveis que favoreçam a utilização e a integração das tecnologias para transformar a educação no contexto brasileiro, pois o

uso das TDIC está cada vez mais presente, e sem volta, no dia a dia (ARAÚJO, 2018, p. 1595).

Sendo assim, faz-se necessária a postura crítica do professor ao usar as novas tecnologias na sala de aula para que se estabeleça um planejamento e uso coerente das tecnologias, segundo as necessidades dos alunos e demandas da atualidade.

A utilização das tecnologias, como aqui abordada, mostrou-se benéfica para incluir a Terceira Idade no cenário da língua inglesa. É possível afirmar que, considerando o uso que já fazem das TDIC como práticas cotidianas, ajudou a impulsionar o engajamento dos mesmos nas aulas. Entendemos que se faz necessário que o professor agregue métodos e abordagens de forma responsável para que se fomente um processo de ensino/aprendizado de LE relevante e motivador.

Considerações Finais

Ainda que os dados aqui compartilhados ilustrem momento pré-pandemia, consideramos relevante o fomento de ações que promovam articulações entre a Terceira Idade e TDIC no que diz respeito, principalmente, no ensino/aprendizagem de língua inglesa, tendo em vista que já utilizam as tecnologias no dia a dia para outras funções, pode maximizar a aprendizagem por meio delas.

Após a análise das respostas discursivas, observamos que, por mais que os idosos busquem as inovações tecnológicas e façam o uso delas em vários contextos (inclusive o de aprendizagem de línguas estrangeiras), eles estão preocupados e acostumados a usar métodos clássicos e pouco inovadores que são transportados para as ferramentas digitais. Dessa forma, sugere-se que o professor inove, incluindo outras abordagens e metodologias variadas para que os alunos consigam usar as tecnologias de forma que amplie e catalise o processo de aprendizagem.

Em suma, pelo estudo apresentado, nota-se que os idosos têm, cada vez mais, se conectado às novas tecnologias, constituindo-se um público digital e atualizado mediante um uso mais crítico das TDIC e conteúdos cibernéticos, na contramão das concepções da sociedade.

Referências

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, 2013.

ARAÚJO, M. S. Ensino-aprendizagem com tecnologias digitais na formação inicial de professores de inglês. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 57, v. 3, p. 1590-1614, set./dez. 2018.

BESSA, A. T.; FERREIRA, S. B. L. Algumas considerações sobre o uso do celular e seus serviços pela Terceira Idade. **Relatórios Técnicos do DIA/UNIRIO**, n. 0001, 2012.

CALDAS, C. P.; VERAS, R. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 9, v. 2, p. 423-432, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20396.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

CASTRO, P. C. *et al.* Influência da universidade aberta da terceira idade (UATI) e do programa de revitalização (REVT) sobre a qualidade de vida de adultos de meia-idade e idosos. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 6, p. 461-467, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000600007&lng=e&nrm=iso. Acesso em: 29 mar. 2021.

COBALCHINI, C. C. B. *et al.* Idoso e tecnologia: aprendizagem e socialização como fatores protetivos para um envelhecimento saudável. *In: CONFERÊNCIA DE PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL:*

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 1., Curitiba, 2019. **Anais** [...]. Curitiba (PR), UTFPR, 2019.

ESTATUTO DO IDOSO. **Lei federal no 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

FARIA, F. S. C.; MONTEIRO, S. H. C. Desafios na Terceira Idade: O ensino de Língua Inglesa sob novas perspectivas. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 9, p. 29-33, 2007.

FONTANA, F. F.; CORDENONSI, A. Z. TDIC como mediadora do processo de ensinoaprendizagem da arquivologia. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 25, n. 51, p. 101-131, jul./dez. 2015.

GARCIA, K. R. **Aspectos avaliativos de um programa de extensão educacional para a maturidade**. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias em Saúde) -Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GEWEHR, D. **Tecnologias digitais de informação e comunicação (tdics) na escola e em ambientes não escolares**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2016.

INOUYE, K. *et al.* Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, 2018.

ITU. International Telecommunication Union. **Internet Reports 2005: The Internet of Things**. [S. l.]: 2005.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus (Coleção Papyrus Educação), 2012.

LOPES, P. R. L. **Inglês para terceira idade: investigando o contexto unati/uerj visando à elaboração de materiais didáticos**. 2014.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

MACHADO, H. B. *et al.* Inglês na Terceira Idade: um sonho tornando-se realidade. **Conexão UEPG**, v. 5, n. 1, jan./dez. 2009.

MORAN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. v. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). [S. l]: [s. n.], 2015.

OLIVEIRA, H. F. **À flor da (Terceira) Idade: Crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira (inglês)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

PAIVA, V. L. M. O. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica. *In*: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.). **Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. v. 44. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 21-34.

PEIXOTO, C. De volta às aulas ou de como ser estudantes aos 60 anos. *In*: VERAS, R. (org.). **Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Relume Dumará (UERJ), 1997. p. 41-74.

PIZZOLATO, C. E. A sala de aula de língua estrangeira com adultos de terceira idade. *In*: ROCHA, C. H. e BASSO, E. A. (Org.). **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores**. São Carlos: Clara Luz, 2008. p. 237-255.

PRETTO, N. L; PINTO, C. C. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31>. Acesso em: 03 nov. 2020.

SANTAELLA, L. *et al.* Desvelando a internet das coisas. **Revista Geminis**, v. 4, n. 2, p. 19-32, 2013.

SILVEIRA, M. M. *et al.* Educação e inclusão digital para idosos. **Novas tecnologias na educação**, UFRGS, v. 8, n. 2, jul. 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/15210>. Acesso em: 03 nov. 2020.

RAMOS, L. S. *et al.* A. Velhice masculina: construção e significados da aparência entre idosos da UATI EACH/USP. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 22, n. espec. 26, temático: “Envelhecimento e Aparência”, p. 167-198, São Paulo (SP), Brasil, FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2019.

ROSA, A. L. *et al.* Teatro e pandemia da Covid-19: repercussões nas relações sociofamiliares de atores e atrizes idoso(a)s da USP 60+. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 23, n. temático espec. 28 (“COVID-19 e Envelhecimento”), p. 647-671, São Paulo, SP, FACHS/NEPE/PUC-SP, 2020.

TEZANI, T. C. R. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.1 9, n. 2, p. 295-307, jul./dez. 2017.

VERAS, R. P. Novos desafios contemporâneos no cuidado ao idoso em decorrência da mudança do perfil demográfico da população brasileira. *In*: LEMOS, M. T. T. B.; ZABAGLIA, R. A. **A arte de envelhecer:**

saúde, trabalho, afetividade e Estatuto do Idoso. Rio de Janeiro: Idéias & Letras, 2004.

YIN. R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

